



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

# III SINESPP

20 a 24  
OUTUBRO  
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS  
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

## EIXO TEMÁTICO 6 | EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

### A EDUCAÇÃO BANCÁRIA NO SISTEMA CAPITALISTA

#### BANKING EDUCATION IN THE CAPITALIST SYSTEM

Aldení Gomes de Araújo Júnior<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo analisa o sistema capitalista, a sua educação bancária e como se associam para a manutenção da ordem burguesa. A educação conservadora baseia-se nas relações entre o detentor do saber e os alunos, em uma vigente polarização e distanciamento entre educador e educando, baseando-se no “depósito” de conhecimento, absorvidos e repassados. Tendo em vista a alienação da classe trabalhadora e reforço na manutenção da ordem burguesa, a educação bancária fortalece a contradição entre capital e trabalho, fator basilar do sistema capitalista. Relatamos os interesses da classe burguesa, os quais visualizam a concentração das riquezas e o empobrecimento da classe trabalhadora, metamorfoseados de “capitalismo humanizado”. Posteriormente, analisaremos a sociedade e a educação para além do capitalismo, uma educação voltada ao pensamento crítico/reflexivo e a emancipação humana.

**Palavras-Chaves:** Capitalismo. Educação. Emancipação.

#### ABSTRACT

This article analyzes the capitalist system, its banking education and how they associate for the maintenance of the bourgeois order. Conservative education is based on the relations between the holder of knowledge and the students, in a current polarization and distancing between educator and student, based on the "deposit" of knowledge, absorbed and passed on. In view of the alienation of the working class and strengthening the maintenance of the bourgeois order, banking education strengthens the contradiction between capital and labor, a basic factor of the capitalist system. We report the interests of the bourgeois class, which visualize the concentration of wealth and the impoverishment of the working class, metamorphosed from "humanized capitalism". Later, we will analyze society and education beyond capitalism, an education focused on critical/reflective thinking and human emancipation.

<sup>1</sup> Graduando em Serviço Social pela Faculdade Católica Santa Teresinha - FCST. E-mail: aldomes.araujo@gmail.com

**Keywords:** Capitalism. Education. Emancipation.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como proposta analisar a configuração do sistema capitalista e as normativas a qual ele impera, apresentando a polaridade das classes existentes e a exploração acarretada em favor da manutenção conservadora. Através da educação tradicional, os educadores reforçam as normativas burguesas, haja que os educandos são vistos enquanto pessoas aptas a receberem o conhecimento de quem sabe, percebendo-os enquanto folhas em branco, sujeitos assistidos a serem moldados em favor do capital.

No primeiro momento, iremos conhecer mais sobre como o capitalismo se mantém e detém força, conheceremos mais sobre as diferentes classes existentes, a exploração no modo de produção capitalista e como elas se correlacionam em um sentido de interesse maior do sistema. Pensando em sua manutenção, apresentaremos as normativas da educação bancária e tradicional, como o capitalismo se apropria de tal ideia, relacionada à alienação da classe trabalhadora, o depósito de conhecimentos e a falsa emancipação humana.

Logo em seguida, trataremos sobre a reflexão de uma nova sociabilidade e livre das amarras do capitalismo, baseando-se em uma real emancipação humana, a educação problematizadora e o rompimento com o conservadorismo. Através da visão de totalidade, podemos analisar os sujeitos não mais inseridos em uma visão reduzida, conservadora e alienante, e sim pessoas com as suas particularidades e subjetividades.

## **2 CARACTERÍSTICAS DO CAPITALISMO E A DISTINÇÃO DAS CLASSES**

A história nos mostra que a sociedade já se organizou das mais diversas formas, desde o seu agrupamento em pequenos povos nômades, que migravam para outras regiões quando o território já não atendia mais a suas necessidades de sobrevivência, até chegar a modelos feudelistas, tendo na figura do rei o senhor que ditava as normas para os seus súditos. Com o tempo, tais organizações foram se extinguindo e modelos

de sistemas foram substituídos por outros que vieram em seguida, assim como apresenta-se o capitalismo que conhecemos na atualidade.

Este novo e ainda recente sistema, para Marx (2017), se configura pela desigualdade das classes (burguesia e proletariado), bem como “a redistribuição da riqueza se fez em favor dos mais ricos e a distribuição do poder em favor dos mais poderosos”. (apud LOPES, 2000, p.96). Desenvolvendo uma relação de exploração e a obtenção de lucro como forma de manter a ordem capitalista e a manutenção dos interesses da classe dominante.

Por proletariado, segundo Marx (2004), entendemos toda a classe trabalhadora que vende o único fator que possuem, face criadora e transformadora da natureza: a sua força de trabalho. São homens e mulheres inseridos (ou não) no grande mercado trabalhista cada vez mais competitivo e polivalente, tendo em vista que a necessidade de qualificação profissional já não se faz somente para atender a uma função específica, mas de forma a adentrar a metamorfose da atividade para que possa atender cada vez mais este mercado.

Já os burgueses são indivíduos que se caracterizam por serem os donos dos meios de produção, como maquinário, as fábricas, instrumentos de trabalho, entre outros, que somente por estes meios não teriam condições de gerarem lucros, utilizando, assim, da força de trabalho para desenvolverem e criarem as riquezas geradas pelo trabalho. Tal binarismo de classes se apresenta para a classe burguesa como forma de exploração da força de trabalho e obtenção de lucro. Ou seja, os interesses das distintas classes têm um teor diferenciado nesta ordem do capital.

Sendo assim, entendemos que a base do sistema capitalista, a característica que o norteia é a exploração cada vez maior do trabalho humano. Essa peculiaridade configura e legitima o interesse do capital. Para sobreviver nesta sociedade é necessário que os sujeitos tenham como condição básica a venda da sua força de trabalho. Força essa criadora e transformadora da natureza. No sistema capitalista é preciso a existência dessas classes antagônica, burguesia x proletariado e a sua exploração. Segundo Antunes (2009), os trabalhadores produzem cada vez mais enquanto que os donos dos meios de produção se apropriam da riqueza gerada. Em outras palavras: a pobreza cresce junto com a riqueza, mas em proporções inversas.

Quanto mais a miséria do proletariado é alastrada, mais a riqueza é concentrada nas mãos de poucos. “Cada vez mais a burguesia suprime a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos”. (MARX, 2015, p. 68).

Apropriação que legitima as condições capitalistas, quando que o trabalhador que é aquele que participa de todo o processo de criação do produto produz cada vez mais, em condições de trabalho degradantes e desgastantes, e a riqueza que é apropriada por quem não deu vida ao produto, que seria então a burguesia, concentrando todos os direitos acerca da garantia e lucro gerados pelo trabalho do proletariado.

De tal forma que, quanto mais o trabalhador produz, quanto mais ele realiza o seu trabalho, ele gera riquezas não para si, mas sim para a classe detentora dos meios de produção: A burguesia. Como vimos anteriormente: A pobreza do trabalhador cresce à medida que a riqueza da burguesia também cresce.

Em troca do trabalho prestado, como condição mínima e vigente do sistema capitalista, a classe que comprou a força de trabalho das pessoas envolvidas neste processo garante o pagamento pela atividade realizada. Pagamento este que não condiz com o trabalho efetivado ou que se equipara ao lucro e, outros fatores como a mais-valia que é gerada e apropriada pela burguesia.

Assim como reforça Marx:

A taxa mais baixa e unicamente necessária para o salário é a subsistência do trabalhador durante o trabalho, e ainda [o bastante] para que ele possa sustentar uma família e [para que] a raça dos trabalhadores não se extinga. O salário habitual é, segundo Smith, o mais baixo que é compatível com a simples humanidade (simples humanité), isto é, com uma existência animal. (MARX, 2004, p. 24).

Ao partirmos deste pensamento, entendemos que é necessária ao capital a compra desta força de trabalho que o proletariado dispõe, pois é essa característica que dá vida tanto ao trabalho realizado quanto a riqueza acumulada pela burguesia. O trabalhador adentra nesta esfera de desigualdade eminente e norteadora da base capitalista. A classe trabalhadora se coloca em uma condição não mais de um sujeito à parte, uma pessoa detentora de conhecimento, vida, intelecto, subjetividade e

características que possam expressar a sua condição enquanto pessoa. A classe trabalhadora se torna um produto tal qual o que ele projetou a sua força para realizar.

Sendo assim, a burguesia desenvolve meios de manutenção de sua ordem capitalista, como forma de que a mesma não se rompa ou se extinga (Antunes, 2010). Através da alienação do proletariado, onde a classe trabalhadora não se reconhece enquanto sujeito indispensável para a geração da riqueza, processos de empobrecimento proposital, tal que o capitalismo detém meios necessários para cessar às desigualdades existentes, mas, como destaca Marx (2017), entendemos que o capitalismo se configura na exploração e na desigualdade existente entre as classes, sendo este elemento fundante do modo de produção capitalista, tendo em vista que não existe modo de produção capitalista sem exploração da classe trabalhadora.

Portanto, o capitalismo não desenvolve condições ou não é de seu interesse cessar as desigualdades, e não o faz de forma a concentrar a riqueza nas mãos de poucos e, a educação como forma de alienação e manutenção da ordem capitalista, através de um pensamento bancário e preso nos interesses da classe dominante.

Devemos refletir sobre uma sociabilidade que supere o atual modo de produção. Ou seja, pensarmos para além do capitalismo, como reforça Montaño e Duriguetto (2010):

Não haverá emancipação da “trabalhadora-mulher” numa sociedade machista e patriarcal, assim como não haverá emancipação da “mulher-trabalhadora” numa sociedade capitalista. Não haverá emancipação do “trabalhador-negro” numa sociedade racista e xenofóbica, assim como não haverá emancipação do “negro-trabalhador” na sociedade capitalista. A luta anticapitalista não deve caminhar separada da luta contra o machismo e a desigualdade sexual, contra o racismo e a desigualdade racial e étnica, contra as diversas formas de segregação, desigualdade e preconceito. Ela deve reunir todos estes campos de batalha, orientados no curto prazo contra a forma específica de desigualdade (para a emancipação política específica), e no longo prazo contra a ordem burguesa, a sociedade de classes (para a emancipação humana). (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010, p.132).

Todavia, ao adentrarmos nesta esfera do fim ou a diminuição da pauperização existente, ou se pensarmos em uma educação não alienante, por exemplo, estaríamos falando de um sistema capitalista humanizado e voltado aos interesses comuns de todas as pessoas. Ora, mas tal raciocínio não se faz eloquente por se caracterizar enquanto uma forma completamente distinta da base do sistema, quando que a humanização deste não passa de um fator de manutenção do próprio capitalismo.

As modificações da ordem do sistema jamais serão voltadas a atender aos interesses e necessidades da classe trabalhadora, tal qual, como dito anteriormente, a gênese do capital se configura pela exploração trabalhista, concentração de riqueza nas mãos de poucos, manutenção conservadora e a clara desigualdade social entre as classes.

Como reforçado por Tonet, quando diz que é:

Por si evidente que esta relação implica, necessariamente, uma relação de exploração e de dominação do capitalista sobre o trabalhador. O que significa que a produção da desigualdade social não é um defeito, mas algo que faz parte da natureza mais essencial desta matriz geradora do capitalismo. O que, por sua vez, significa que é impossível construir, a partir dela, uma autêntica comunidade humana, vale dizer, humanizar o capital. (TONET, 2012, p. 29).

Portanto, pensar em um capitalismo humanizado seria um dispêndio sem valor de energia e luta da classe trabalhadora, onde não passará de mais uma metamorfose do sistema e manutenção dos pensamentos, costumes e interesses conservadores da burguesia, através de uma “pauperização humanizada” capitalista, quando que um maior poder de compra não se apresenta enquanto meio de emancipação humana, mas somente mais uma armadilha do capital para o consumo.

### **3 A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A MANUTENÇÃO DA ORDEM BURGUESA**

As educações formais e informais fazem parte do processo de socialização dos sujeitos desde a mais tenra idade, sendo o contato com a família o seu primeiro meio de sociabilização enfrentada. Esta família repassa valores, normas, regras, costumes, entre outros, já impostos e criados muito mesmo antes de sua concepção. Ou seja, valores que adotam e seguem como meio correto de viver e socializar, repassando os mesmos para os que virão posteriormente.

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. (MARX, 2011, p. 25).

Tais normativas, por vezes conservadoras, fazem parte do processo de educação informal dos sujeitos. Já a educação formal é o que vivenciamos nas escolas e nos

espaços acadêmicos, existindo enquanto meio de formação, assim como a educação informal. Mas, no sistema capitalista o qual estamos inseridos, a educação sofre a interferência dos interesses do capital e da burguesia, onde o conhecimento repassado para os educandos vem de forma precária e voltada a manutenção do sistema, assim como podemos observar no modelo de educação bancária.

Sendo assim, Segundo Freire (1987), ele relembra que é na relação da passagem do saber do educador para o educando, quando que existe uma troca de conhecimento e uma relação entre os sujeitos, de modo que o saber é transferido de “quem sabe” para “quem não sabe”. Ou seja, o educando é visto enquanto uma folha em branco o qual podemos “depositar” e “transportar” o conhecimento, reforçando a transferência de conhecimento e o repasse das informações, não desenvolvendo um pensamento crítico e o diálogo com os mesmos.

Na educação bancária, na qual trataremos, Freire (1987) diz que o educador é o detentor do saber e aquele a quem deve repassar o conhecimento, através da reprodução do conteúdo, como forma de aprendizado do educando. Já este educando se caracteriza como alguém que não detém o saber, o apto a receber o pensamento já pré-determinado e configurado através de uma lógica conversadora. Sendo o educando jamais ouvido em tal processo, quando que não existe um diálogo entre os saberes.

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p.33).

Portanto, a educação bancária tem como foco o “depósito” de conhecimentos para com os educandos, limitando o pensamento e a criatividade aos interesses maiores do sistema, de modo que a educação bancária cria barreiras entre o educador e o educando. Tal normativa educacional se apresenta para os opressores um meio de controle ideológico para que possa ser construído um exército de pessoas não críticas, prontas para serem inseridos no perverso e cruel mercado de trabalho.

Diferente da educação bancária que somente desenvolve seu papel de repassar e repetir conhecimentos, a educação problematizadora, como dito por Freire (1987) se apresenta com um viés de criticidade e conhecimento voltado para uma relação humanizada entre educando e educador. Os papéis de autoridades, criados e desempenhados pela educação bancária, já não existem neste segmento, tal quais os saberes se correlacionam e são trocados de ambos os lados.

O educador aprende com o educando e o educando aprende com o educador, não mais através de um pensamento reduzido e limitado, imposto de forma decorada e presa as normativas conservadoras, mas sim através do que Marx (2017) chama de totalidade, desempenhando uma visão ampla do conhecimento e dos saberes, entendendo os sujeitos na sua mais pura amplitude.

O pensamento não é mais reduzido à mera repetição e arquivamento de conhecimento, não mais para formar sujeitos para o mercado de trabalho, mas sim para desempenharem um pensamento crítico/reflexivo e modificarem a sua realidade de acordo com uma visão mais socializada e emancipadora, enxergando os educandos enquanto pessoas detentoras de conhecimento e de subjetividades, inclusos numa lógica cruel no modo de produção capitalista e visualizando-os enquanto inseridos na mesma classe existente.

#### **4 EMANCIPAÇÃO HUMANA: ALÉM DO CAPITALISMO**

Romper com o sistema capitalista não é tarefa fácil, visto que a alienação e a educação conservadora são percebidas enquanto forte meio de dominação social. Não existirá educação libertadora em um sistema de opressão. Portanto, devemos pensar em uma forma de educação que liberte, nos emancipe e a qual não limite às prisões do capital. Mas, com o fortalecimento cada vez maior do sistema capitalista, acabamos por acreditar que esta é a única forma de organização e sociabilização vigente, mas não é o caso.

Da mesma forma que criamos e desenvolvemos o sistema, assim como o conhecemos hoje, podem os mesmos sujeitos nele inseridos, romper com esta normativa. “Ora, se foram os homens os responsáveis pela instauração do capitalismo,

não há nenhuma razão, em princípio, para que não possam suprimi-lo e construir uma forma superior de sociabilidade”. (TONET, 2012, p.52).

Esta forma superior de sociabilidade teria que romper por completo com os fatores basilares do modo de produção capitalista, como a dicotomia das classes, as desigualdades existentes, a educação bancária, os preconceitos por gênero, etnia, entre outras expressões da questão social que se apresentam enquanto características do sistema capitalista. Ou seja, teríamos que romper, assim lembra Marx (2015), com a exploração do homem pelo homem.

Nesta sociabilidade nova e refletida teriam que se apresentar e ter como base a sociabilização das riquezas e focada em uma educação para desenvolver o pensamento crítico e, tendo em vista a formação de pessoas não mais para o mercado de trabalho, mas para uma real vivência em sociedade, visualizando, assim, a sua emancipação humana e liberdade.

Tal educação e sociabilidade existiriam no socialismo, onde apresenta características de desenvolvimento livre e longe das amarras do capital. “Pobreza e carência jamais poderão ser a base para o socialismo”. (TONET, 2012, p. 51).

Lembremos Netto (1999), que reforça a necessidade de pensarmos em um novo projeto societário que não mais oprima e explore cada vez mais a classe trabalhadora, mas que possamos refletir sobre as desigualdades e superá-las. Os interesses da burguesia não podem e não devem ser prioridade.

Todavia, também a experiência histórica demonstrou que, na ordem do capital, por razões econômico-sociais e culturais, mesmo num quadro de democracia política, os projetos societários que respondem aos interesses das classes trabalhadoras e subalternas sempre dispõem de condições menos favoráveis para enfrentar os projetos das classes proprietárias e politicamente dominantes. (NETTO, 1999, p. 03).

É através dos espaços educacionais (formais e informais) que as relações entre educando e educador devem ser vistas enquanto oportunidade de questionamento da própria vivência apresentada e das normativas impostas previamente, naturalizadas e seguidas sem uma criticidade da realidade.

A educação deverá abrir espaços para entender as mais diversas subjetividades e posicionar-se não mais enquanto favorável à ordem imposta, mas pensando em uma

perspectiva de liberdade, tendo em vista uma educação que não limite o raciocínio, a criatividade, que possa contribuir para o desenvolvimento e/ou aprimoramento de novas habilidades manuais, artísticas e culturais e não reduzindo os educandos em uma normativa de interesse da burguesia e o preparo para o mercado de trabalho.

A problematização do saber e das normativas geram debates voltadas para a realidade velada pelo capitalismo, acobertada de interesses naturalizados e ideologias repassadas enquanto imutáveis, mas tal questionamento da realidade deve se apresentar para a educação enquanto fator de posicionamento contrário à educação conservadora, tendo em vista que através da problematização que iremos desenvolver um pensamento de consciência de classe.

Sendo assim, esta liberdade só se apresentaria como forma de união de todas as pessoas envolvidas neste processo, ou seja, como lembra Freire (1987), que diz que a liberdade se dá através da comunhão de todos.

O papel da educação socialista é muito importante nesse sentido. Sua determinação interna simultaneamente social e individual lhe confere um papel histórico único, com base na reciprocidade pela qual ela pode exercer sua influência e produzir um grande impacto sobre o desenvolvimento social em sua integridade. A educação socialista só pode cumprir seu preceito se for articulada a uma intervenção consciente e efetiva no processo de transformação social. (MÉSZÁROS, 2008, p. 95).

A construção de uma educação justa e emancipadora só existiriam em uma sociedade em que tais características também fizessem parte. Pensar em uma forma de educação problematizadora e uma sociabilidade onde todas as pessoas seriam livres são refletidos sobre as desigualdades existentes em nossa organização social e pensarmos em uma nova forma de sociabilização para além do capitalismo, rompendo com os interesses de dominação ideológica da classe burguesa e de suas normativas conversadoras.

Através de uma lógica libertadora, onde o modo de produção capitalista não dita os espaços e a sociabilização, quebrando com o contínuo e, quase infinito, interesse de obtenção de lucro capitalista, tendo em vista a exploração cada vez maior da classe trabalhadora.

## 5 CONCLUSÃO

O sistema capitalista impera enquanto sociabilidade atual detém forças e diversos meios para a sua manutenção e organização. Como podemos observar o sistema não foi o único existente e muito menos será o último que empenhará o seu papel diante da sociedade. As mudanças ocorrem diariamente e determinar o modo de produção capitalista enquanto superior e único para a melhor vivência da humanidade, seria de tal pensamento reducionista e limitado.

Como bem apresentamos anteriormente, o sistema capitalista se baseia na exploração da classe trabalhadora, na alienação dos sujeitos envolvidos na relação de trabalho e a obtenção de lucro como determinante para a consolidação e permanência da burguesia. O sistema se fortalece através de tais fatores que, juntamente com a educação conservadora o qual conhecemos em nossa sociedade, como a bancária, de modo que o pensamento não crítico da classe trabalhadora se apresenta para os donos dos meios de produção como uma arma impiedosa de controle social, ideológico, cultura e político. Ou seja, a educação conservadora e bancária é apresentada enquanto fator favorável de manutenção dos interesses do sistema capitalista e a quem ele o beneficia.

A educação formal está nas mãos do Estado, portanto, correspondendo aos interesses da classe dominante e as suas normativas conservadoras, tendo somente o foco de formar sujeitos para o mercado de trabalho, através do uso de fórmulas já ultrapassadas e contraditórias, como a decoração de conteúdo, a reprodução do saber sem um embasamento crítico, absorvendo, arquivando e reproduzindo tais ensinamentos.

A educação conservadora é utilizada pelo modo de produção capitalista como veículo de transmissão da ideologia dominante e perpetuação da ordem imposta, desempenhando um ensino voltado para atender aos interesses do capital, gerando uma falsa emancipação dos indivíduos.

Entendendo que, no sistema capitalista, a liberdade é nos colocada até determinados momentos e locais, quando que o valor acumulado, ou seja, a riqueza que irá dizer até onde podemos ir, quais locais podemos acessar, quais serviços nos são ofertados e se poderemos custeá-los. Ou seja, a liberdade capitalista esbarra no poder

aquisitivo e social que dispomos, sabendo que a liberdade de ir e vir não são reais, entendendo que só nos locomovemos até onde podemos pagar.

É importante reforçarmos a importância do papel da educação na conquista da emancipação humana que, mesmo no modo de produção capitalista, pode contribuir para o desenvolvimento da consciência de classe dos indivíduos os quais, a partir daí, poderão romper com a ordem estabelecida.

Cabe a classe trabalhadora, enquanto sujeitos revolucionários a conduzirem o processo de transformação social, mas a educação pode contribuir justamente com o desenvolvimento da consciência de classe que impulsiona esta luta. Para rompermos com a reprodução educacional conservadora, teríamos primeiro que romper com o sistema vigente que impera atualmente. A burguesia detém os meios de produção, grande parte das riquezas produzidas socialmente, dita a cultura, as normas, sendo as classes dominantes as que têm voz e se mostra somente favorável para si mesmo e não para a classe trabalhadora.

Mesmo no modo de produção capitalista, a educação desempenha um papel de agir de forma a estimular momentos de encontros e debates acerca da superação do sistema vigente, pensando em uma nova forma de sociabilização onde a classe trabalhadora não seja explorada, que possamos desempenhar e desenvolver a nossa criatividade de forma livre e sem atender a interesses antagônicos.

Através de uma realidade cruel do modo de produção capitalista, a classe dos chamados proletariados é a mais afetada nesta forma de sociabilidade, tendo em vista que o capitalismo além de desenvolver e estimular as desigualdades que se apresentam em nossa sociedade, desempenha um papel fundante na exploração cada vez maior da classe trabalhadora, sendo responsável pelas expressões da questão social como a crescente pauperização, as desigualdades de gênero, raça, a destruição cada vez maior dos meios naturais, entre outras, que se colocam somente como princípio de acumulação de riquezas.

Não haverá igualdade onde predomina a exploração de uma classe em propósito de atender aos interesses de outra. Portanto, devemos pensar e refletir em uma nova forma de sociabilização, uma educação que liberte, forme sujeitos para uma vida de sentido, com criticidade, emancipação, que desenvolva uma relação social de laços reais e não mais de interesses antagônicos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e sua Concha**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16° ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LOPES, J. T. **Desigualdad y Crisis Económica**: el reparto de la tarta. Madrid: Sistema, 2000.
- MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, Classes e Movimento Social**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2015.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital Livro I: O Processo De Produção Do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **O 18 De Brumário De Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- NETTO, José Paulo et al. **A Construção do Projeto Ético-político do Serviço Social**. Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-21, 1999. Disponível em: [http://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto\\_etico\\_politico-j-p-netto\\_.pdf](http://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf). Acesso em: 24 jul. 2019.
- TONET, Ivo. **Educação Contra o Capital**. 2.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.